

Pesquisa Multidisciplinar EM SAÚDE

EDIÇÃO XXII

Capítulo 46

ENTRE A SALA DE AULA E O MERCADO DE TRABALHO: INSERÇÃO PROFISSIONAL DE ENFERMEIROS EGRESSOS

STEPHANY CRISTINE LAUREANO CLEMENTINO¹
SINTIQUE ALVES BARROS¹
SILVIA JAQUELINE PEREIRA DE SOUZA²

¹Discente – Enfermagem da Faculdade Herrero, Curitiba, Paraná, Brasil).

²Docente – Enfermeira. Doutora e Mestre pela Universidade Federal do Paraná. Coordenadora do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade Herrero Curitiba, Paraná, Brasil.

Palavras-chave: Enfermagem; Ensino Superior; Estudantes de Enfermagem.

DOI

10.59290/1020680602

EP EDITORA
PASTEUR

INTRODUÇÃO

No Brasil, a formação do enfermeiro é regulamentada pela Resolução CNE/CES nº 3/2001, que define Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos Cursos de Enfermagem voltadas para uma formação crítica, reflexiva e generalista, adequada às demandas do Sistema Único de Saúde (SUS) e às mudanças sociais e tecnológicas do país. Essas diretrizes reforçam que o curso de Enfermagem deve preparar o profissional para atuar tanto no SUS quanto em diferentes instituições de saúde, no âmbito nacional e internacional, garantindo uma formação ampla e alinhada às necessidades contemporâneas do cuidado (BRASIL, 2001; COFEN, 2024; MACHADO & XIMENES, 2018).

Alguns autores enfatizam a necessidade de que a formação em Enfermagem priorize o desenvolvimento de competências técnico-científicas, éticas e humanas, bem como habilidades de comunicação, liderança e trabalho em equipe, fundamentais para o enfrentamento das demandas complexas do século XXI (ALMEIDA, 2022; LEAL, 2022). Consequentemente, a união entre ensino e prática profissional, somada à adoção de metodologias ativas e a uma gestão educacional voltada às políticas públicas de saúde, mostra-se um caminho estratégico para fortalecer a inserção dos profissionais no mercado e promover uma atuação mais resolutiva e humanizada (FERRAZ *et al.*, 2021).

Conhecer como se dá a inserção dos egressos de Enfermagem torna-se fundamental para entender os desafios e dificuldades encontradas para conseguir um emprego com carteira assinada compatível com seu nível de formação, quais as condições de trabalho e como estas podem impactar a saúde do trabalhador e, por conseguinte, na qualidade da assistência e na satisfação com a profissão (BARRETO *et al.*, 2021; GAWRYSZEWSKI *et al.*, 2024).

Este estudo buscou compreender a inserção dos egressos do curso de Enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior privada no mercado de trabalho, a fim de verificar a efetividade da formação acadêmica, identificar lacunas no processo de ensino-aprendizagem e discutir mecanismos que a instituição pode utilizar a fim de promover a empregabilidade e valorização da profissão.

MÉTODO

Trata-se de um estudo de natureza quantitativa e qualitativa, com objetivo exploratório, a fim de ampliar a compreensão do cenário investigado. A relação entre abordagens quantitativas e qualitativas não foi considerada contraditória; ao contrário, entendeu-se que métodos quantitativos podiam levantar questões que exigiam aprofundamento qualitativo, e vice-versa (MINAYO, 2010).

A população total do estudo foi composta por 150 enfermeiros egressos do Curso de Enfermagem de uma Instituição de Ensino Privada do Município de Curitiba. Com base nesse universo, buscou-se ampla divulgação do questionário entre os egressos cadastrados; a amostra final constituiu-se, portanto, de participantes selecionados por conveniência (autosseleção dos respondentes), sem cálculo amostral baseado em nível de confiança probabilístico. Após o processo de recrutamento, 48 enfermeiros compuseram a amostra final, independentemente de sexo, gênero, cor, tempo de formação, área de atuação ou turno de trabalho, desde que tivessem concordado em participar mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A coleta de dados teve início em 10 de setembro de 2025, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/HERRERO), sob o parecer CAAE nº 90698825.6.0000.5688, garantindo o cumprimento das diretrizes éticas da Resolução nº

466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012).

A coleta ocorreu por meio de questionário semiestruturado aplicado *on-line* e de forma remota, contendo questões fechadas para caracterização sociodemográfica, além de duas perguntas abertas. O tempo médio estimado para preenchimento foi de 10 minutos, e os participantes responderam ao formulário por escrito. Para atender aos objetivos do estudo, inicialmente analisou-se o perfil dos egressos com base em dados institucionais de identificação dos formados em Enfermagem. Em seguida, aplicou-se o questionário semiestruturado aos enfermeiros que concordaram em participar da pesquisa.

Os dados sociodemográficos coletados incluíram idade, sexo, estado civil, raça declarada, local de residência e local de trabalho. Essas informações foram organizadas e tabuladas no programa Excel®, que permitiu sua disposição

em linhas e colunas, bem como a elaboração de tabelas e gráficos descritivos. A coleta qualitativa resultou das respostas às perguntas abertas, possibilitando a construção de informações relevantes ao objeto de estudo e favorecendo a troca de percepções entre pesquisador e participantes. Para assegurar o sigilo e a confidencialidade, todas as falas foram codificadas (E1, E2, E3... E48), impossibilitando a identificação dos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra deste estudo foi formada por 48 egressos do Curso de Enfermagem de uma Instituição de Ensino Privada do Município de Curitiba, que aceitaram participar da pesquisa mediante assinatura do TCLE. A coleta de dados iniciou-se pela caracterização do perfil sociodemográfico desses participantes (**Tabela 46.1**).

Tabela 46.1. Variáveis sociodemográficas dos participantes, Curitiba, Paraná, Brasil, 2025

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS	INDIVÍDUO (n)	%
Idade		
20-30 anos	26	54,17%
31-40 anos	15	31,25%
41-50 anos	6	12,50%
51-60 anos	1	2,08%
61 anos ou mais	0	0,00%
Ano de conclusão do curso		
2014	0	0,00%
2015	0	0,00%
2016	0	0,00%
2017	3	6,25%
2018	4	8,33%
2019	3	6,25%
2020	3	6,25%
2021	6	12,50%
2022	10	20,83%

2023	9	18,75%
2024	8	16,67%
2025	2	4,17%
Situação Profissional		
Empregado	45	93,75%
Desempregado	0	0,00%
Docência	1	2,08%
Outras áreas	2	4,17%
Qual o setor principal de atuação?		
Sistema Único de Saúde (SUS)	28	58,33%
Instituição privada	14	29,17%
Ensino/Pesquisa	4	8,33%
Empreendedor	1	2,08%
Outros	1	2,08%
Renda mensal		
até 2 salários-mínimos	6	12,50%
3-5 salários-mínimos	33	68,75%
mais de 5 salários-mínimos	9	18,75%
Como avalia a preparação do curso para o mercado?		
Excelente	18	37,50%
Suficiente	29	60,42%
Insuficiente	1	2,08%
Recomendaria o curso para outros estudantes?		
Sim	42	87,50%
Não	2	4,17%
Talvez	4	8,33%
Enfrentou desafios para se inserir no mercado?		
Sim	23	47,92%
Não	25	52,08%
Total	48	100%

Fonte: As autoras, 2025.

Dos participantes, 2,1% (n=1) tem entre 51 e 60 anos, 12,5% (n=6) entre 41 e 50 anos, 31,3% (n=15) entre 31 e 40 anos, e a maioria, 54,2% (n=26), tem entre 20 e 30 anos.

Quanto ao ano de conclusão do curso, observou-se que a maioria dos participantes se

formou em 2022, correspondendo a 20,8% (n=10). Apenas 6,3% (n=3) concluíram a graduação em 2017, 2019 e 2020. Enquanto 8,3% (n=4) formaram-se em 2018. No ano de 2021, 12,5% (n=6) dos participantes concluíram o curso, em 2023, foram 18,8% (n=9). No ano de

2024, houve respectivamente 16,7% (n=8) formados, e no primeiro semestre de 2025, 4,2% (n=2).

Em relação à empregabilidade, observou-se que os egressos se encontram inseridos na área assistencial, correspondendo a 93,7% (n=45). Apenas 2,1% (n=1) atuam na docência e 4,1% (n=2) em outros campos profissionais distintos.

Os dados deste estudo corroboram com dados demográficos do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) e da Organização Mundial da Saúde (OMS) que indicaram que a enfermagem no Paraná e no Brasil se apresenta relativamente jovem. Em perspectiva comparativa internacional, observou-se que globalmente cerca de 33% dos trabalhadores de enfermagem tinham menos de 35 anos, reforçando o caráter jovem da categoria tanto no Brasil quanto no cenário mundial (COFEN, 2013; ONU NEWS, 2025).

Foi observado que a inserção no mercado de trabalho ocorre predominantemente no cuidado assistencial, o que está alinhado à formação generalista prevista na DCN do curso de graduação em Enfermagem. As DCN orientam a preparação do enfermeiro para atuar de forma ampla no cuidado individual e coletivo, com ênfase nas competências clínicas necessárias ao cuidado direto. Contudo, esse modelo formativo pode resultar em menor exposição dos estudantes às práticas de docência e à pesquisa durante a graduação, o que possivelmente contribui para a reduzida inserção dos egressos nesses campos profissionais (BRASIL, 2001).

Quanto ao setor de atuação, 29,2% (n=14) trabalham em instituições privadas, 8,3% (n=4) na área de ensino e pesquisa, 2,1% (n=1) empresário, 2,1% (n=1) em outras áreas, e 58,3% (n=28) dos profissionais estão atuando no SUS, esse resultado, na maioria das vezes, ocorre, também porque os egressos possuem uma formação orientada para uma prática crítica, reflexiva e generalista, prontos para atender às

necessidades de saúde da população brasileira, consequentemente, por estar fundamentada nos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). O estudo direcionado a saúde do coletivo promove um ensino voltado à prática do cuidado integral e à atuação em diferentes níveis de complexidade, tal formação, juntamente a especializações e pesquisas, promove a formação de enfermeiros para atender às demandas reais do SUS, que é o principal empregador no país (SARTURI *et al.*, 2024; SANTANA *et al.*, 2005).

Em relação à renda mensal, a maioria recebe entre 3 a 5 salários-mínimos (68,8%, n=33). Já 12,5% (n=6) recebem até 2 salários-mínimos, e 18,8% (n=9) recebem mais de 5 salários-mínimos. Os achados sobre a renda são similares ao estudo realizado por Püschel *et al.* (2017) com egressos da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, tiveram a média salarial de aproximadamente 4 nos primeiros empregos.

Quando questionados sobre a sensação de estarem preparados para o mercado de trabalho com base no que aprenderam durante a graduação, observou-se que a maioria avaliou sua formação como adequada ou muito boa. Cerca de 37,5% (n=18) relataram sentir-se excelentemente preparados, indicando alta confiança na formação recebida. Além disso, 60,4% (n=29) classificaram sua preparação como suficiente, sugerindo que, embora se sentissem aptos a atuar profissionalmente, perceberam possíveis lacunas ou oportunidades de aprimoramento no currículo ou nas experiências práticas oferecidas.

No que se refere à recomendação do curso, o resultado foi predominantemente positivo: 87,5% (n=42) afirmaram que recomendariam a graduação, evidenciando satisfação geral com a instituição e com a formação recebida. Apenas 8,3% (n=4) demonstraram indecisão ao responder que talvez recomendariam, o que pode refletir experiências pontuais, expectativas não

completamente atendidas ou percepções individuais sobre desafios encontrados no início da prática profissional.

Esse índice expressivo vai além de uma simples aprovação do curso: ele revela um alinhamento consistente entre as expectativas iniciais dos estudantes e a formação efetivamente vivenciada ao longo da graduação. Tal resultado sugere que a trajetória acadêmica proporcionou não apenas desenvolvimento técnico e científico, mas também satisfação pessoal, pertencimento e reafirmação da identidade profissional. Em termos interpretativos, esse nível de concordância indica que a escolha pela Enfermagem foi percebida como acertada, fortalecendo o vínculo do egresso com sua área de atuação e contribuindo para sua realização profissional e motivação para permanecer e evoluir na carreira. Quando questionados sobre os desafios para inserção no mercado de trabalho após a formação, 52,08% (n=25) responderam não ter enfrentado dificuldades, enquanto 47,9% (n=23) relataram ter enfrentado desafios. Percebe-se que, entre os que não referiram obstáculos, o uso de tecnologias e redes sociais pode ter contribuído para uma inserção mais rápida e eficaz, uma vez que plataformas como LinkedIn, Facebook e WhatsApp vêm sendo amplamente utilizadas na busca por vagas e na interação com recrutadores. A literatura destaca a influência crescente das redes sociais no processo de seleção, tanto para a divulgação de oportunidades quanto para a avaliação dos candidatos, evidenciando seu papel como ferramenta estratégica (NOBRE *et al.*, 2019).

Os 47,9% (n=23) que referiram ter vivenciado algum tipo de obstáculo, número que se amplia quando consideradas as justificativas individuais apresentadas na categoria “Outro”, envolvendo desde aspectos emocionais, tais como ansiedade e pânico relacionados ao contexto pandêmico até limitações estruturais, como exigência de experiência prévia e demora

entre a colação de grau e a primeira contratação. Isso aponta para uma inserção profissional dos egressos de Enfermagem ocorre de forma heterogênea, marcada tanto pela elevada demanda por enfermeiros quanto pela permanência de barreiras individuais e institucionais (COSTA & GUARIANTE, 2016; PÜSCHEL *et al.*, 2017).

Estudos mostram que, embora o mercado apresente capacidade de absorção significativa, recém-formados frequentemente relatam insegurança, sofrimento psíquico, dificuldades emocionais e percepção de preparo insuficiente para processos seletivos e para o exercício imediato das responsabilidades assistenciais (COSTA & GUARIANTE, 2016; FLORES *et al.*, 2022; PÜSCHEL *et al.*, 2017).

Pesquisas desenvolvidas durante e após a pandemia de COVID-19 reforçam que, apesar da ampliação das oportunidades, o período intensificou sentimentos de medo, estresse e vulnerabilidade entre jovens profissionais (FLORES *et al.*, 2022). Os dados deste estudo convergem com a literatura, indicando que a inserção no mercado é relativamente favorável para parte dos egressos, mas ainda permeada por desafios que influenciam a transição acadêmico-profissional. No tocante às competências e habilidades previstas para o egresso de Enfermagem pelas DCNs (BRASIL, 2001), entende-se que o curso tem atendido ao compromisso de formar profissionais capacitados, eficientes e capazes de atuar de maneira resolutiva no âmbito do SUS, contemplando ações de promoção, prevenção e reabilitação, em consonância com os processos de saúde e doença constituídos histórica e socialmente nas interações humanas.

Os egressos evidenciam que as habilidades mais úteis adquiridas na graduação foram desenvolvidas, principalmente, durante a prática e os estágios supervisionados, apontados como fundamentais para o preparo e a confiança no

ingresso no mercado de trabalho. Muitos destacaram que foi durante os estágios que puderam compreender e aplicar na realidade o conteúdo teórico aprendido, desenvolvendo segurança para lidar com situações reais e desafios profissionais. Relatos como E1: “Os estágios foram essenciais para a preparação para o mercado de trabalho” e E2: “A prática me fez mais confiante para atuar” reforçam a importância da vivência prática no processo formativo (LIMA *et al.*, 2023). Esse aspecto está em consonância com as DCNs, que destacam a integração entre teoria e prática nos estágios supervisionados como componente essencial para a consolidação das competências do enfermeiro (BRASIL, 2001).

Do mesmo modo, o domínio técnico e científico também foi bastante mencionado, incluindo a manipulação e aplicação de medicamentos, a execução de procedimentos, o atendimento em urgência e emergência e o desenvolvimento do pensamento clínico e crítico, fundamentais para um cuidado integral e seguro ao paciente (CANAVER *et al.*, 2022).

Outro grupo de respostas ressaltou a importância das habilidades de gestão, liderança e administração, aprendidas tanto nas aulas teóricas quanto na vivência prática, que contribuíram para a capacidade de coordenar equipes, planejar ações e exercer o papel de liderança do enfermeiro. Falas como E3: “As aulas de gerenciamento e administração me ajudaram a liderar minha equipe no trabalho” e E4: “Aprendi sobre as atribuições administrativas do enfermeiro” evidenciaram habilidades interpessoais e de gestão como aprendizados relevantes durante a graduação (GARCIA *et al.*, 2024). Tal aspecto vai ao encontro do Parecer Normativo nº 1/2025 do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN, 2025), que destaca a gestão, o planejamento, a coordenação e a avaliação das ações de enfermagem como competências privativas e essenciais ao exercício profissional.

Reforça-se a relevância do ensino da administração e da liderança nos cursos de Enfermagem, visto que tais habilidades são indispensáveis para o desenvolvimento de profissionais com perfil estratégico, resolutivo e comprometido com a qualidade dos serviços de saúde (TENÓRIO, 2024). Em tempo, importante é valorizar as competências interpessoais e comportamentais, como paciência, proatividade, comunicação, responsabilidade, bom senso, flexibilidade e resiliência, reconhecidas como essenciais para o trabalho em equipe e para o enfrentamento dos desafios cotidianos da profissão (TESSMANN *et al.*, 2025).

A análise das sugestões dos participantes para aprimorar a formação dos futuros egressos evidencia uma demanda consistente por maior aproximação entre teoria e prática, do fortalecimento do raciocínio clínico por meio de estágios supervisionados, simulações realísticas e feedback estruturado. Destacou-se a importância de estimular a produção científica, a prática baseada em evidências, o aprofundamento teórico e a divulgação institucional, bem como promover preparação para o mercado de trabalho, especialmente em áreas críticas como urgência, emergência e terapia intensiva. De modo geral, as respostas revelam que, embora a formação seja reconhecida como positiva, os egressos identificam oportunidades de aprimoramento relacionadas à infraestrutura, à qualificação docente, à organização dos estágios e ao desenvolvimento de competências essenciais à prática profissional contemporânea.

Outro ponto recorrente foi o aperfeiçoamento do corpo docente. Alguns egressos sugeriram que os professores estejam sistematicamente se atualizando e engajados, especialmente os orientadores de Trabalho de Conclusão de Curso e Supervisores de Estágio, para que possam oferecer acompanhamento mais qualificado e acolhedor aos alunos. Recomendações como E5: “Minha sugestão honesta é

preparar melhor esses docentes para conseguir acolher seu aluno” ou E6: “Ter professores com mais habilidade e conhecimento para estágio é minha sugestão de melhoria”

Diversos respondentes também sugeriram um maior aprofundamento teórico e científico, com incentivo à pesquisa, inovação e à prática baseada em evidências. Essa integração entre ciência e prática foi apontada como essencial para desenvolver o pensamento crítico e a capacidade de tomada de decisão do futuro enfermeiro (MYAKAVA *et al.*, 2021; PEREIRA, 2022).

Para Nascimento *et al.* (2025), a pesquisa científica constitui uma fonte contínua de produção de conhecimento, capaz de gerar novos questionamentos e desafios, exigindo do pesquisador comprometimento, responsabilidade e domínio teórico-metodológico para superar lacunas existentes. No contexto universitário, sua prática deve estar articulada ao processo de ensino-aprendizagem, uma vez que forma profissionais e futuros formadores que atuarão em áreas que demandam competências específicas, tanto na assistência quanto na docência. Observa-se que os docentes têm assumido, cada vez mais, o papel de pesquisadores e estimuladores da investigação científica, embora ainda persistam fragilidades nas disciplinas voltadas à metodologia de pesquisa. Assim, a relevância deste estudo torna-se evidente, ao promover reflexões significativas sobre o valor da pesquisa científica no ensino superior e sua contribuição para o desenvolvimento acadêmico dos discentes.

CONCLUSÃO

Os resultados desta pesquisa evidenciaram que os egressos de Enfermagem apresentam, em sua maioria, uma inserção profissional está-

vel e predominantemente voltada para a área assistencial, especialmente no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Essa realidade reflete a formação generalista orientada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, que prepara os enfermeiros para um cuidado integral, com experiência em práticas clínicas e capacidade de atuação em diferentes níveis de complexidade.

Além disso, os estágios supervisionados e as atividades práticas foram destacados pelos participantes como elementos fundamentais para o desenvolvimento de competências técnicas, científicas e interpessoais necessárias à atuação profissional. Habilidades como liderança, gestão, pensamento crítico e domínio de procedimentos foram reconhecidas como essenciais para o mercado de trabalho.

Contudo, os resultados obtidos reforçam a importância de revisar estratégias pedagógicas e estruturais que ampliem as oportunidades de prática e de investir continuamente na formação e atualização dos docentes. Essas ações podem contribuir para o fortalecimento da formação do enfermeiro, preparando-o de maneira mais qualificada para os desafios da profissão.

Este estudo apresenta limitações que merecem consideração. Houve dificuldade na localização dos egressos e o número de questionários retornados foi inferior ao esperado, o que pode ter reduzido a representatividade da amostra. Recomenda-se que pesquisas futuras adotem estratégias de rastreamento mais amplas, utilizem dados institucionais complementares e considerem delineamentos longitudinais para aprimorar a compreensão da trajetória profissional dos egressos. Soma-se a isso o desenho transversal do estudo, que impede inferências causais ou de trajetória; a amostra restrita a uma única instituição de ensino, o que limita a generalização dos achados para outras IES; e a ausência de validação prévia do instrumento semiestruturado utilizado na coleta de dados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, G. A.; CASSIANO, C.; LEAL, L. A. *et al.* Competências Ético-Políticas no Ensino de Enfermagem: Estudo Bibliométrico. *Revista Praxis*, v. 15, n. 29, p. 4699, 2023. DOI: 10.47385/praxis.v15.n29.4699.

BARRETO, G. A. A.; OLIVEIRA, J. M. L.; CARNEIRO, B. A. *et al.* Nursing Working Conditions: An Integrative Review. *Revisa*, v. 10, n. 1, p. 13–21, 2021. DOI: 10.36239/revisa.v10.n1.p13a21.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Enfermagem. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2001. <https://www.cofen.gov.br/resolucao-cneces-no-3-de-7-de-novembro-de-2001/>

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2012. <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>

CANEVER, B. P.; COSTA, D. G.; MAGALHÃES, A. L. P. *et al.* Treinamento de Habilidades por Simulação no Desenvolvimento de Competências de Estudantes de Enfermagem. *REME – Revista Mineira de Enfermagem*, v. 26, e-1457, 2022. DOI: 10.35699/2316-9389.2022.38545.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. De Cada 10 Egressos do Ensino Superior, Apenas um Consegue Emprego com Carteira Assinada Compatível com o Nível de Formação. Brasília, DF: Conselho Federal de Enfermagem, 2024. <https://www.cofen.gov.br/de-cada-10-egressos-do-ensino-superior-apenas-um-consegue-emprego-com-carteira-assinada-compativel-com-o-nivel-de-formacao/>

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Parecer Normativo nº 1/2025. Normatiza o exercício profissional da Enfermagem nos Complexos Reguladores da Rede de Atenção à Saúde, abrangendo todas as esferas de gestão, no âmbito dos serviços públicos e privados. Brasília, DF: Conselho Federal de Enfermagem, 2025. <https://www.cofen.gov.br/parecer-normativo-no-1-2025-cofen/>

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Quadro-Resumo – Brasil: Perfil da Enfermagem no Brasil. Brasília, DF: Conselho Federal de Enfermagem, 2013. https://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/blocoBr/QUADRO%20RESUMO_Brasil_Final.pdf

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Quadro-Resumo – Paraná: Perfil da Enfermagem no Brasil. Brasília, DF: Conselho Federal de Enfermagem, 2013. https://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/bloco1/quadro-resumo/sul/QUADRO%20RESUMO_PR_Bloco_1.pdf

COSTA, T. V. & GUARIANTE, M. H. D. de M. Enfermeiros Egressos do Currículo Integrado: Inserção e Atuação Profissional. *Revista de Enfermagem UFPE on-line*, Recife, v. 11, n. 1, p. 77–85, 2017. DOI: 10.5205/1981-8963-v11i1a11880p77-85-2017.

FERRAZ, R. M.; KRON-RODRIGUES, M. R.; GALVÃO, H. M. *et al.* Metodologias Ativas de Ensino e Aprendizagem: O Ensino de Hoje na Saúde. *Saúde Coletiva*, v. 11, n. 63, p. 5488–5499, 2021. DOI: 10.36489/saudecoletiva.2021v11i63p5488-5499.

FLORES, G. B.; ESPÍRITO SANTO, T. B.; MORAES, C. L. K. A Inserção de Egressos do Curso de Enfermagem no Mercado de Trabalho. *Global Academic Nursing Journal*, v. 3, n. 3, e258, 2022. DOI: 10.5935/2675-5602.20200258.

GARCIA, C. E. P. C.; LEONARDI, C. B.; SANTOS, E. C. do N. M. dos. *et al.* Liderança e Gestão em Enfermagem: O Protagonismo do Enfermeiro e Sua Influência na Tomada de Decisão. *Revista Remecs – Revista Multidisciplinar de Estudos Científicos em Saúde*, p. 18, 2024. <https://revistaremeccs.com.br/index.php/remecs/article/view/1562>

GAWRYSZEWSKI, B.; BOVOLENTA, M. B.; FARIAS, M. E. A. Técnico em Enfermagem: Aspectos sobre Trabalho e Profissão. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 181–199, 2021. DOI: 10.35699/2238-037X.2021.29276.

LEAL, L. A.; SILVA, A. T.; IGNÁCIO, D. S. *et al.* Competências Gerenciais e Estratégias de Ensino para Estudantes de Graduação em Enfermagem: Visão de Docentes. *Revista de Enfermagem da UFSM, Santa Maria*, v. 12, e34, p. 1–18, 2022. DOI: 10.5902/2179769267133.

LIMA, E. J. A.; TAVARES, W. L. R. G.; CANDIDO, M. H. M. *et al.* A Importância do Treinamento Prático na Formação do Profissional de Enfermagem. *Revista Foco, Curitiba*, v. 16, n. 11, e3238, 2023. DOI: 10.54751/revistafoco.v16n11-006.

MACHADO, M. H. & XIMENES NETO, F. R. G. The Management of Work and Education in Brazil's Unified Health System: Thirty Years of Progress and Challenges. *Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro*, v. 23, n. 6, p. 1971–1979, 2018. DOI: 10.1590/1413-81232018236.06682018.

MINAYO, M. C. de S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MYAKAVA, L. H. K.; SANTOS, M. A.; PÜSCHEL, V. A. de A. Knowledge, Skills, and Attitudes of Nursing Students on Evidence-Based Practice. *Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo*, v. 55, e20200428, 2021. DOI: 10.1590/1980-220X-REEUSP-2020-0428.

NASCIMENTO, M. R. S.; LIMA, M. K. S.; FIGUEREDO, V. A. Desafios e Perspectivas de Acadêmicos de Enfermagem sobre a Prática da Pesquisa no Ensino Superior. *Caderno Pedagógico*, v. 21, n. 7, p. 1–20, 2024. <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/5618>

NOBRE, L. P.; ARAÚJO, D. S.; MENEZES, B. S. *et al.* Redes Sociais: O Uso e a Influência no Processo de Seleção. In: *ENCONTRO DE EXTENSÃO, DOCÊNCIA E INICIAÇÃO CIENTÍFICA*, 2019. *Anais eletrônicos [...]*. [S. l.: s. n.], 2019. <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/eedic/article/view/3125/2706>

ONU NEWS. Apesar de Aumento, Profissionais de Enfermagem no Mundo Não São Suficientes. *ONU News: Perspectiva Global, Reportagens Humanas*, 2025. <https://news.un.org/pt/story/2025/05/1848321>

PEREIRA, M. C. Q. V. Pesquisa Científica e Sua Importância na Formação Profissional em Enfermagem. In: *CONGRESSO INTERNACIONAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM ENFERMAGEM*, 3., 2022. *Anais eletrônicos [...]*. [S. l.]: Instituto Enfservic, 2022. v. 3, n. 3, p. 5. <https://revistaremeccs.com.br/index.php/remecs/article/view/980>

PÜSCHEL, V. A. de A.; COSTA, D.; REIS, P. P. *et al.* Nurses in the Labor Market: Professional Insertion, Competencies and Skills. *Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, DF*, v. 70, n. 6, p. 1220–1226, 2017. DOI: 10.1590/0034-7167-2016-0061.

SANTANA, F. R.; NAKATANI, A. Y. K.; SOUSA, A. C. S. *et al.* Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem: Uma Visão Dialética. *Revista Eletrônica de Enfermagem, Goiânia*, v. 7, n. 1, p. 1–7, 2005. <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/904>

SARTURI, F.; SILVA, E. B.; FONTANA, D. G. R. *et al.* Políticas Públicas na Formação do Enfermeiro: Das Competências Específicas ao Trabalho Interprofissional em Saúde. *Enfermagem em Foco, Brasília, DF*, v. 15, e2024150, 2024. https://enfermfoco.org/wp-content/uploads/articles_xml/2357-707X-enfoco-15-e-2024150/2357-707X-enfoco-15-e-2024150.pdf

SOUZA, S. V. de & FERREIRA, B. J. & ROSSIT, R. A. S. Desafios da Formação Docente em Cursos de Enfermagem no Norte do Brasil na Perspectiva da Educação Interprofissional. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu*, v. 27, e220171, 2023. <https://www.scielo.br/j/icse/a/RV7WMwnJYX7mmgb9MmQRjbt/?lang=pt>

TENÓRIO, A. K. D. C. Competências Gerenciais na Enfermagem Baseadas em Evidências à Luz do Modelo de Liderança Situacional. 2024. 186 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/41474>

TESSMANN, M.; SANTOS, B. S. dos; SIMEÃO, L. M. *et al.* Soft Skills na Gestão Hospitalar: Competências Comportamentais de Enfermeiros da Região do Extremo Sul de Santa Catarina. *Studies in Health Sciences, Curitiba*, v. 6, n. 3, e17912, 2025. <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/shs/article/view/17912>